

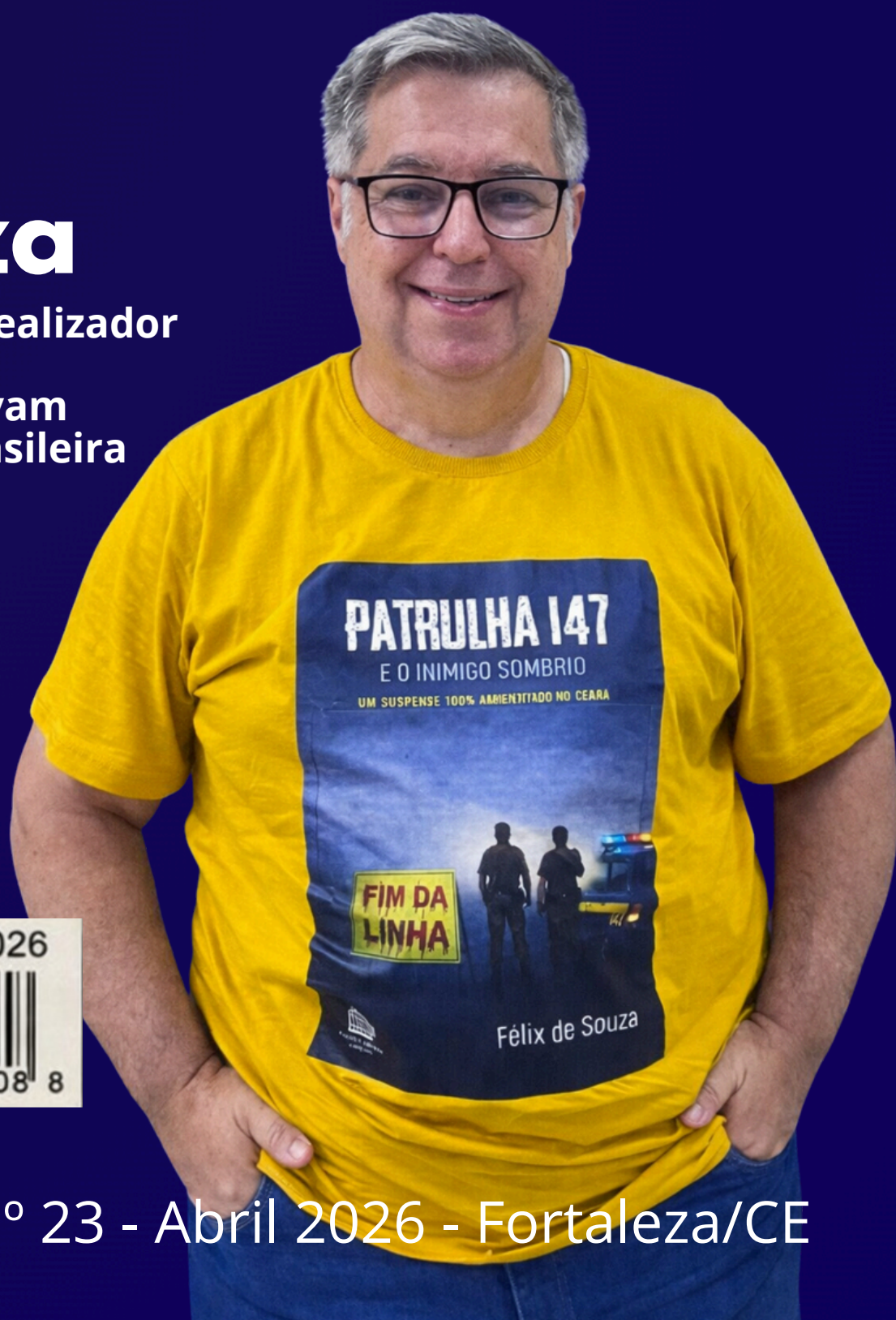
REVISTA

VOZ *da* PALAVRA

DESTAQUE DE CAPA

Félix de Souza

Escritor e idealizador
de projetos
que incentivam
a leitura brasileira



ISSN 3085-9026



9 73085 902608 8

Vol. 2 - Nº 23 - Abril 2026 - Fortaleza/CE

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Abril 2026/Fortaleza/CE

Editores

Gilson de Albuquerque Pontes

&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

Um Espaço Especial para Destacar os Autores



Gilson Pónthes



Pedro Blum

Escritores e Poetas Nesta Revista

- Ana Lessa
- Baltazar Serra Branca
- Bernivaldo Carneiro
- Clara Lêda
- Félix de Souza
- Gilson Pónthes
- Isabel Barros
- Moacir Braga
- Pedro Blum

EXPEDIENTE

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque
Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp

NOTA

**Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.**

**A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.**

site: revistavozdapalavra.com.br



@voz.da_palavra

**Ler é acender ideias
no silêncio — quem
lê, nunca caminha
no escuro.**

EDITORIAL

Vivemos em um tempo em que as palavras disputam espaço com o silêncio e a pressa. Em meio a tantas vozes, nem todas comunicam — muitas apenas ecoam. É nesse cenário que nasce esta proposta: não como mais um meio, mas como um propósito.

Esta publicação surge com a missão de resgatar o valor essencial da palavra — aquela que constrói, transforma, inspira e conecta. Acreditamos que a palavra não é apenas instrumento de comunicação, mas ponte entre mundos: entre o pensamento e a ação, entre o indivíduo e a sociedade, entre a fé e a realidade.

Nesta edição, abrimos espaço para histórias que não apenas informam, mas que tocam. Vozes que não apenas falam, mas que deixam marcas. Conteúdos que não apenas ocupam páginas, mas que despertam reflexões profundas sobre quem somos e sobre o que podemos nos tornar.

A presença de autores, projetos e iniciativas que valorizam a leitura e a cultura reafirma o compromisso com uma literatura viva — que dialoga com o cotidiano e amplia horizontes. Mais do que páginas, queremos entregar experiências.

Que cada edição seja um encontro. Que cada texto seja uma semente. E que cada leitor se torne também uma voz que transforma.

Editores: Gilson Pónthes & Pedro Blum

SUMÁRIO

Editorial	05
Félix de Souza — Destaque de Capa	06
Minibiografia — Félix de Souza	07
Entrevista — Félix de Souza	08
Trilogia Patrulha 147	09
A Praça do Ferreira — Félix de Souza	10
Miragem — Isabel Barros	11
Setenta Anos — Moacir Braga	12
Sonhar e Amar — Moacir Braga	13
Gente... que vexame! — Clara Lêda	14
O Amor do Andarilho — Ana Lessa	15
A Lua Inviolável — Pedro Blum	16
Teorema da Parte Dura — Bernivaldo Carneiro	17
O que não foi dito — Baltazar Serra Branca	18–19
Aldravias — Gilson Pónthes	20

Minibiografia

Félix de Souza



Félix de Souza é escritor e presidente-fundador da Gaiola Aberta Edições. Nascido na cidade de São Paulo, está radicado no Nordeste há mais de 20 anos.

É bacharel em Administração de Empresas, com MBA em Marketing, e atualmente cursa Psicologia, direcionando sua atuação para o desenvolvimento humano aliado à literatura.

Autor da série *Patrulha 147*, atuou como coordenador de cursos de alfabetização de adultos em São Paulo. Atualmente, desenvolve projetos voltados ao incentivo à leitura e à valorização da cultura brasileira.

É idealizador do programa *Quem Conta um Conto*, que estreará em breve nas redes sociais, com a proposta de promover a literatura por meio de declamações e dramatizações.

Cristão, reside em Fortaleza com a esposa e o filho. Atua como gerente comercial em uma empresa do ramo de prestação de serviços póstumos. Avô de uma neta, encontra na família uma de suas maiores inspirações.

ENTREVISTA COM O ESCRITOR: FÉLIX DE SOUZA

1) RVP: Como surgiu a ideia para a criação da série Patrulha 147 e quais foram suas principais inspirações nesse processo?

FS: Tudo aconteceu em uma viagem noturna de carro, quando eu estava indo de Campina Grande (PB) para Paulista (PE) e passei de madrugada por um posto da Polícia Rodoviária Federal. Naquele momento, recebi o insight de escrever uma história envolvendo dois patrulheiros em meio a enigmas e mistérios, às vezes sobrenaturais. A principal linha de inspiração foram os seriados Arquivo X, Clubinho do Terror, o desenho Scooby-Doo, acrescidos de uma pitada de Agatha Christie.

2) RVP: Hoje, já na 1ª edição do terceiro livro da série, você realizou um lançamento na Universidade Estácio e doou exemplares à Biblioteca Belmonte, em São Paulo — local que frequentou na adolescência. Qual o significado simbólico desses momentos na sua trajetória?

FS: Foram momentos mágicos que me motivam a continuar adiante e entender que estou no caminho certo.

3) RVP: Ter a trilogia Patrulha 147 no acervo da EEMTI Dr. Gentil Barreira e a oportunidade de dialogar com os alunos sobre sua obra representa o quê para você como autor?

FS: Isso é algo que todo escritor almeja. Fiquei muito feliz com a recepção da escola, em especial da professora Yanna e do coordenador Franzé, e pretendo repetir a experiência em outros colégios.

4) RVP: Quais são os principais temas e mensagens que você busca transmitir aos leitores ao longo da série Patrulha 147?

FS: Embora a série tenha uma pegada de mistério, sobrenatural e fantasia, os livros tratam de questões muito concretas e reais sobre a mente e a espécie humana. O leitor é constantemente convidado à reflexão sobre si mesmo, permitindo ajustes e percepções que talvez não ocorreriam de outra forma.

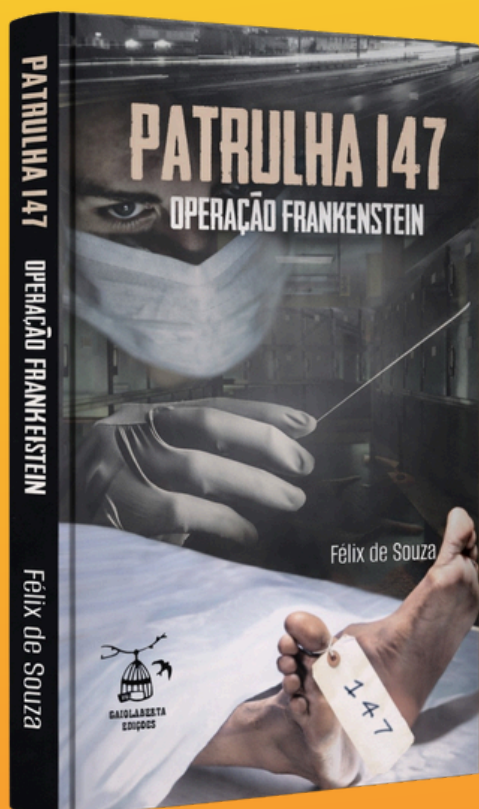
5) RVP: Quais são seus próximos projetos literários e o que o público pode esperar das suas futuras obras?

FS: Pretendo dar continuidade à saga Patrulha 147 e lançar ainda em 2026 um livro com personagens infantis. Ou seja, o público pode esperar muita movimentação de Félix de Souza escritor, pois, como diria Geraldo Vandré: “Quem sabe faz a hora, não espera acontecer”.

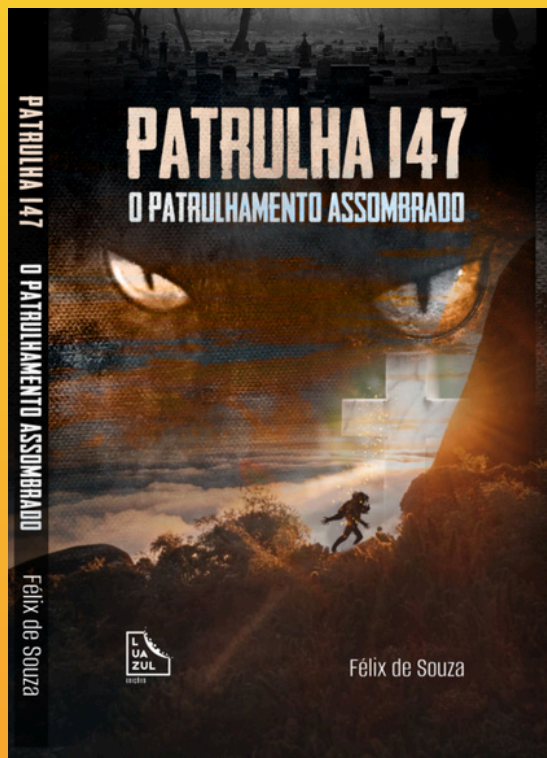
Edições

TRILOGIA 100% AMBIENTADA NO CEARÁ

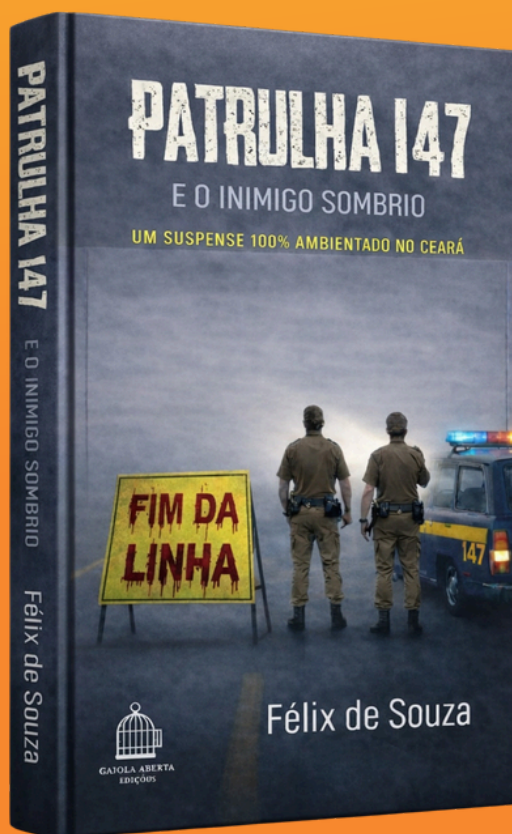
2024



2024



2026



A Praça do Ferreira - por Félix Souza

Na Praça do Ferreira...
(em Fortaleza)
existe um tempo...
que não passa.
Um tempo que mora
nas esquinas,
nos passos apressados,
nos olhares distraídos...

Ali...
bem ali...
há um prédio de esquina
Que em época natalina
Nos enternece e rejubila,
Pois exhibe de suas sacadas
um coro composto
por inúmeras crianças
que, uma vez caracterizadas,
nos fazem lembrar
do bom e velho
Espírito de Natal.

Mas a praça...
não vive só de lembranças festivas.
Ela é história.
História viva
que respira em cada detalhe:
no Cine Teatro São Luiz...
na Farmácia Oswaldo Cruz...
no chafariz que já ouviu segredos...
no relógio que insiste em contar o tempo...
e até mesmo no prédio da
Caixa.

A Praça do Ferreira
é assim.
Democrática.
Feita de bancos...
que não escolhem quem se senta,
pois ali,
lado a lado, todos somos iguais
Transeuntes que
dividem o mesmo espaço:

Não importa o estudo.
Não importa o credo.
Não importa a origem.
A praça acolhe.
A praça escuta.
Pois a Praça do Ferreira
É como mãe de braços abertos
Que recebe a todos nós...



miragem

de ouro branco me banhei
de barco seguir o rumo certo.

no deserto de um céu dourado
pintei meus traços,

singir, de azul bebê
meu olho direito,
de amarelo outro
o esquerdo,

quando fechei pra
misturar, estava lá
o barco do meu sonho,

naveguei, na companhia
das nuvens, em águas
claras, dourada,

no corpo um cheiro do mar,
saiu da minhas entranhas,

um suspiro de amor,
não sei a cor, era turvo,
era tudo miragem.

isabel barros





MOACIR BRAGA



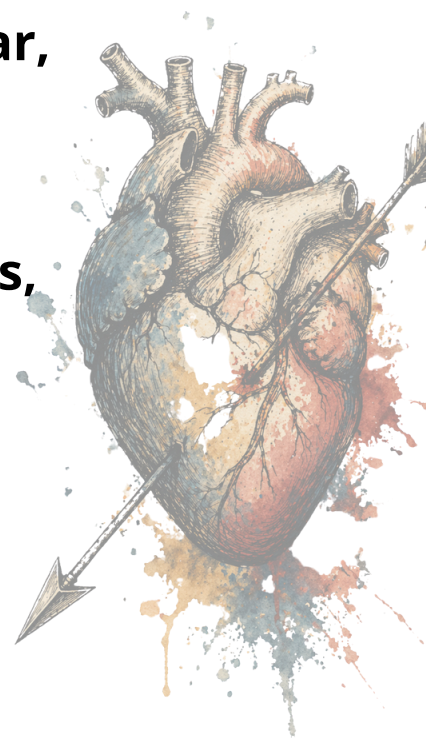
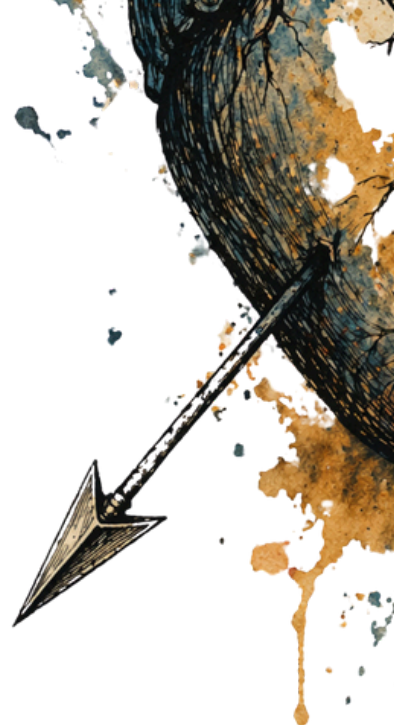
**E chegamos aos setenta anos,
Um tempo longo para quem pouco viveu,
Um tempo curto para quem muito viveu,
Viver tanto tempo, numa mistura de dor e alegria.
Em cada dia, uma flor que nasce,
Um espinho a nos furar a alma,
Um amor que bate à porta do coração,
A idade rejeitada pelo medo,
Aos olhos dos mais novos,
Não nascemos com a idade de hoje.
Não nasci com setenta anos.
Também vivi a alegria dos vinte!
A nossa experiência de vida não conta?
Pagamos um alto preço,
Pelo que somos,
Humanos com setenta anos.**



Sonhar e Amar

MOACIR BRAGA

**Imprevisível amor,
Nos instantes de cada momento,
Nem observamos, ele nos espreita,
Fica parado ar, numa convivência muda,
Hibernando em nosso coração,
Aguardando ser despertado.
De repente o zumbido de uma flecha certa,
Atinge um coração desprevenido,
E algo acontece! Fico confuso,
Procuro entender o que não quero entender.
Acho improvável que meu coração,
Tenha-me traído, que me permita sonhar,
O que não é possível sonhar.
Amar o que não é comum amar.
Os sonhos existem para serem sonhados,
O amor existe para ser vivido.
Os sonhos são evanescentes, fluem.
O amor é mais carne, é mais pele,
Abraça nosso corpo e a mente.
Uma redoma me envolve
Uma visão me aponta, É cla.
Perplexo, fico acreditando,
No impossível amor**



Gente... que vexame!



Usar medidas cautelares nas convivências é a melhor alternativa; o contrário poderá nos levar a situações cujo vexame e efeitos podem ser constrangedores, sem que nenhuma alternativa de reparação seja possível.

Estive numa consulta médica no último dezembro com um profissional de competência ilibada. Ele atende minha mãe, tias... Tornou-se um querido amigo.

— O que aconteceu para a senhora se lembrar de mim?

E a paciente debulhou suas queixas. Tudo dito, nenhum detalhe esquecido, o doutor orientou e pediu exames.

Consulta encerrada, prosseguiu com alguns instantes de descontração, narrando um caso cujo desfecho quase me matou de rir.

Assim narrou:

Fui procurado pela diretoria do Ceará. A intenção era me contratar para atender os jogadores do Vovô. Aceitei sem constrangimento — ser torcedor é uma coisa, médico é outra — e não neguei meu favoritismo pelo Fortaleza.

Um dia recebi aqui, neste consultório, um jogador. Relatava seu problema quando alguém bateu à porta. Era a fisioterapeuta querendo saber os procedimentos de um paciente. Passei-lhe as instruções.

Consulta encerrada, o jogador agradeceu e se despediu.

Na semana seguinte, voltou. Surpreso, perguntei qual a novidade.

O jogador puxou a cadeira até bem próximo ao meu birô. Pela atitude, pensei se tratar de algo extremamente sigiloso. Em meia voz, indagou:

— Doutor, o senhor não se incomoda de me passar o número do telefone da fisioterapeuta? Aquela que veio ao seu consultório no dia da minha consulta. Foi paixão à primeira vista. Desde então, só penso nela.

— Sem problema. Agora mesmo ligo e você fala.

— Rute, tudo bem? De saída para pegar as crianças na escola? Chego para almoçar no horário de sempre. Ah! Tem uma pessoa que deseja falar com você.

Estirava a mão para entregar o celular ao jogador quando o viu sair do consultório como um raio e desaparecer na Avenida Antônio Sales.

O Amor do Andarilho

Dizes que o tempo levou as
estrelas
Mas meu coração ainda se acende
a elas
A luz do teu olhar é um farol
Que guia este Andarilho perdido
no escuro!

As eras se sucedem em ciclos
intermináveis
Mas tu permanece em meu peito
eterno
A flor que desabrocha em
primavera frágil
Nada se compara a beleza do teu
sorriso

Os amantes que se encontram o
amor que se faz
O destino é apenas uma folha
soprada pelo vento
A paixão que arde em cada
respiração a saudade que não se
escreve
Tudo se torna parte deste poema
Infinito.

Ana Lessa

por Pedro Blum

A Lua Inviolável

No silêncio da madrugada,
ecoava o canto do galo,
garoava — e o chão, molhado,
refletia um brilho ralo.
A lua, já se escondendo,
erguia a voz no alto espaço,
abrindo a boca em lamento,
rompendo o véu do cansaço:

— O homem persiste errando,
insiste em me violar,
sem ver que sou da Natureza,
luz viva a iluminar.
Sou o satélite da Terra,
criação divina e rara,
Deus me fez guardiã eterna,
nenhuma força me encara.

Minha missão, noite após noite,
é guiar na escuridão,
e não há ciência ou aço
que fira meu coração.
Não existe tecnologia
capaz de me perfurar,
minha essência é protegida,
ninguém pode me alcançar.

Terei vida permanente,
minha luz incandescente
não permite o toque vão;
nem a tal inteligência,
tão louvada em sua ciência,
rompe minha proteção.

Minha grandeza é inviolável,
jamais será habitável
por mãos de ambição vã;
há limites para o homem,
há caminhos que se somem
quando afrontam o amanhã.

Que aprendam com as tentativas,
com quedas definitivas
que explodem na própria mão:
há mistérios soberanos,
inalcançáveis aos humanos —
e isso é lição.



**TEOREMA DA PARTE DURA
— CONTO CURTO —**

**(por Bernivaldo Carneiro)
Inspirado na “Poesia Matemática”
— Millôr Fernandes.**

**Nos segredos das quatro paredes
(território de fronhas cúmplices e
travesseiros ofegantes),
Quociente e Hipotenusa
desprezavam a mediana. Repetiam-se
ao infinito em dízima periódica
composta.**

**Iam — dia e noite — dos algarismos
pós-vírgula ao período infindo. Ela
oscilava entre o
rigor matemático a bradar: “mais,
mais, mais...” e a autoridade de
agente de trânsito decretando:
“não para, não para, não para”. Ele,
por sua vez, igualmente intenso,
alternava rompantes
dramáticos: “eu vou morrer, eu vou
morrer, eu vou morrer” e súplicas
bilíngues de fé instantânea:
“Oh my God, oh my God, oh my
God.”**

**E assim seguiam exponencialmente
operantes, desde Pitágoras até
enquanto durou — dura
— a libido do Quociente.**



O que não foi dito

por Baltazar Serra Branca

Ninguém percebeu quando ele decidiu se calar.

Era fim de tarde. O céu, já cansado de azul, começava a se dissolver em tons mais suaves. Havia uma brisa leve, dessas que não pedem atenção — apenas passam. Ela estava ali, dizendo coisas simples, talvez importantes. Ele escutava. Ou fingia escutar.

Sabia o que dizer.

Sabia o instante exato em que as palavras deveriam nascer. Sabia o tom, o peso, a medida. Tudo estava pronto dentro dele — organizado, claro, inevitável.

Mas não disse.

Guardou.

Como quem guarda algo precioso, embora não fosse. Era medo — apenas com outro nome, mais discreto, mais aceitável.

O tempo, como sempre, seguiu. Não esperou. Não perguntou. Apenas levou os dias consigo. Mas não levou aquilo.

Aquilo ficou.

Ficou como uma presença silenciosa, dessas que não fazem barulho, mas ocupam espaço. Às vezes, ele se pegava imaginando: e se tivesse falado? E se tivesse atravessado o silêncio como quem atravessa uma rua vazia?

Criava versões. Inventava desfechos. Dava vida ao que nunca existiu.

Mas nada disso era real.

O real era o vazio — exato, intacto — do que não aconteceu.

Porque o que não se faz não termina. Não se encerra. Não encontra repouso.

Permanece.

E, com o tempo, pesa mais do que qualquer erro cometido.

ALDRAVIAS

(por Gilson Pónthes)

chuva
céu
queda
toca
desperta
vida

saudade
falta
eco
memória
silêncio
alma

tempo
corre
muda
leva
fica
ensina

esperança
acende
brota
sustenta
renova
vida